

T1- Resumo da parte introdutória do livro *Relativizando: Uma Introdutória à antropologia social* (DAMATTA,1987).

Stella Leme, Matheus Liasch, Giovanna Parras,
Beatriz Lima, Mathieu Renou

Este texto tem como base a introdução do livro *Relativizando* de Roberto DaMatta (1987), antropólogo brasileiro, nascido em Niterói/RJ. DaMatta é graduado em história com especialização em antropologia social. Tornou-se mestre e doutor pela Universidade de Havard e foi chefe do departamento de antropologia e coordenador de seu curso de pós-graduação no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. É professor emérito da Universidade de Notre Dame (EUA).

Foi precursor dos estudos de rituais e festas em sociedades industriais, em especial no Brasil, estudando seu sistema sociocultural por meio notadamente do carnaval¹, jogo do bicho, futebol, relação homem e mulher..

A partir de seu ponto de vista formado por acúmulo de conhecimento ao longo de seus anos de prática como etnólogo, DaMatta deixa claro que seu livro não seria um manual de Antropologia, menos ainda uma obra fundada em concepções evolutivas. O livro não apresenta verdades inquestionáveis ou universalmente válidas. Para o autor, a “Antropologia Social” não é constituída de certezas absolutas, mas sim de uma “leitura” do mundo social, resultado de todas as vezes que relacionamos o familiar e o exótico. Neste livro, DaMatta explora seus estudos culturais brasileiros, permitindo uma leitura que oscila entre o familiar e o exótico.

No prefácio, o autor adverte que a Antropologia Social contemporânea tem nos ensinado a sermos desconfiados e críticos diante das teorias do

¹ Para o autor, o carnaval “ traz o fundo do poço para cima, como virar uma bolsa de cabeça para baixo ou uma roupa do avesso”. Nesta ótica, Damatta considera que “na sociedade brasileira, onde tudo é proibido, momentos de liberação sempre se fizeram necessários”.

século XIX, visto que foram fruto de um otimismo exagerado que se tinha do futuro, em razão de promissoras descobertas tecnológicas da época.

Roberto DaMatta sugere que nossas diferenciações são externas, de posição relativa a certos temas, problemas e materiais. O reconhecimento de nossa ignorância seria um passo inicial para conhecer diversos pontos de vistas e diferentes maneiras de compreender o mundo. Neste sentido, a Antropologia Social se torna um meio formidável para expandir o conhecimento sobre os outros e sobre nós mesmos.

Nesta linha de reflexão, DaMatta considera que devemos denunciar as injustiças contra os índios não porque estão ameaçados e/ou desaparecendo, mas sim pelo dever de olharmos os índios como “gente igual a gente”, sem acreditar que são inferiores a nós. Com efeito, os índios podem nos oferecer uma troca de experiências muito rica. A propósito, o título de “Relativizando” se associa justamente ao olhar que a antropologia propõe sobre o mundo, um olhar crítico, transformando o exótico em familiar e o familiar em exótico.

O autor encerra o prefácio enfatizando a falência dos sistemas de pensamento evolutivos, incapazes de enxergar que a verdadeira revolução do século XX não é a tecnológica como se pensava, mas sim a intelectual. A partir dessa revolução, os seres humanos podem redescobrir valores como a humildade, a esperança e a generosidade, tornando-os essenciais para a vida em sociedade.

Por outro lado, DaMatta define as diferenças entre ciências naturais e ciências sociais, em particular considerando aqui a antropologia social. Para o autor, a ciência natural estuda fatos simples, eventos que presumivelmente têm causas pouco complexas e são facilmente isoláveis. Desta forma, é possível um maior controle sobre estas pesquisas. No caso das ciências sociais, os estudos se referem a fenômenos complexos, situados em planos de causalidade e determinação complicados, não tendo causas e motivações exclusivas. O autor utiliza o exemplo, do ato de comer um bolo. Este último pode ser ingerido por se ter fome ou por motivos sociais e psicológicos, como para demonstrar solidariedade a uma pessoa ou grupo ou para comemorar certa data (como um aniversário).

Então, para o autor, a “matéria-prima” da ciência natural é todo o conjunto de fatos que se repetem e têm uma constância verdadeiramente

sistêmica, já que podem ser vistos, isolados e, assim, reproduzidos dentro de condições de controle razoáveis, num laboratório. No caso da “matéria-prima” das ciências sociais, trata-se de eventos com determinações complicadas ocorrendo em ambientes diferenciados. Desta maneira, seus significados são bem particulares, associados a distintos atores, às relações sociais existentes em dado momento e, ainda, situados em posição numa cadeia de eventos anteriores e posteriores.

Além desta diferença, em ciências sociais, os pesquisadores estão no mesmo universo humano que os atores envolvidos em eventos estudados. Assim, as interpretações científicas se alimentam de documentos, e perspectivas destas diversas pessoas, com distintos interesses e motivações, o que leva à ideia de um processo de reinterpretação dos acontecimentos sociais. A propósito da diversidade de perspectivas, a experiência em sala de aula de conhecer as motivações dos pais para a escolha do nome “Ana” revelaram intenções muito diferentes.

Enfim, para DaMatta, a principal e mais fundamental característica das ciências sociais é que “trabalhamos com fenômenos que estão bem perto de nós, pois pretendemos estudar eventos humanos que nos pertencem integralmente”. Quando um cientista natural estuda um fenômeno ou alguma outra espécie, ele sabe que jamais ira ser igual a eles, permitindo que a separação entre sujeito (que conhece ou busca conhecer) e objeto (a chamada realidade ou fenômeno sob escrutínio do cientista) seja muito nítida. Então, “as teorias e os métodos científicos são, nesta perspectiva, os mediadores que permitem operar essa aproximação, construindo uma ponte entre nós” e o mundo dos fenômenos naturais. Já nas ciências sociais, o objeto de estudo é o ser humano, tornando essa divisão entre sujeito e objeto muito complicada.

DAMATTA, Roberto (1987), *Relativizando, uma introdução à antropologia social*, Rio de Janeiro: Rocco